

Incêndios

*Lindinaura Canosa**

O que é calado na primeira geração, a segunda traz no corpo.

Françoise Dolto

O incesto entre pai e filha é contra a cultura. Entre mãe e filho é contra a natureza. A mãe duvida.

Françoise Dolto

Primeira cena: uma palmeira solitária e uma música melancólica ao fundo. Dentro da casa um menino de olhos tristes e vazios tem o seu cabelo raspado. Ele está descalço e com três furinhos no calcanhar. O soldado de botas contrasta com a maioria das crianças que está descalça, e uma tem o rosto ensanguentado. Outros meninos sofrem aguardando o mesmo destino. Rifles na mão de soldados.

“Incêndios” é um filme que se desenrola em fragmentos, criando um suspense emocionado. A história é contada por imagens que, aos poucos, vamos montando em nossas mentes como um quebra-cabeça em busca de um sentido.

Há capítulos assinalados por títulos em letras vermelhas: “Daresh”, “Le Sud”, “Deressa”, “Kfar Ryat”, “A mulher que canta”, “Nihad”... Mas o primeiro deles é “Os gêmeos: um rapaz e uma moça”.

Uma biblioteca aparece e um homem retira uma pasta com o nome de Nawal Marwan. É um testamento que o tabelião abre diante dos gêmeos e comenta a decisão: Nawal Marwan, imigrante que vivia no Canadá, pede em seu testamento para ser enterrada nua, com o rosto sobre a terra. Sem lápide nem epitáfio.

Simon diz que não concorda e que vai enterrar a mãe de maneira normal, que pelo menos uma vez na vida vai fazer uma coisa normal com a mãe.

Em seguida, o tabelião entrega duas cartas que Nawal deixou para seus filhos, um passaporte, e um cordão com um crucifixo. Jeanne deve procurar um irmão deles e Simon, o pai. Diante do inusitado, Simon debocha e pergunta se

* Psicanalista, membro efetivo da SPCRJ. Mestre em teoria Psicanalítica UFRJ.

também deve procurar um cão: famílias grandes têm cães. Os gêmeos nunca tinham ouvido a mãe falar desse irmão, nem que o pai deles estava vivo...

Impactados, eles escutam o tabelião dizer que só depois que atendessem ao pedido da mãe ela poderia ter uma lápide em seu túmulo com seu nome. Uma promessa teria que ser cumprida.

Simon sai raivoso da casa do tabelião, chuta a porta do carro e exclama: “Enfim em paz!”

Jeanne estuda matemática pura e seu tutor diz: “Vocês encontrarão problemas insolúveis que levarão a outros problemas insolúveis. Os problemas de muita complexidade. Bem-vinda ao reino da solidão. Você descobriu que seu pai está vivo e que você tem outro irmão. Vá procurar a verdade, porque sem paz de espírito, nada de matemática pura”.

[...] quando se guarda o silêncio sobre a origem, há um risco de trauma na descendência. Falar da história do sujeito é ordenador e constitutivo: restituir-lhe sua história é dar-lhe identidade. Eu mesma, enquanto analista, não sei o que é um destino; como todo o mundo, sei o que é uma história, através do que é revelado por um determinado caso; mas essa história do sujeito está ligada a uma incógnita... Porque aquilo que não se compreende, não se deve calá-lo.

Françoise Dolto

Acompanhamos passo a passo essa investigação, muitas vezes nos perdendo nos “flashbacks” e, logo depois, compreendendo melhor a história dessa mulher misteriosa.

Nawal e seu passado.

Uma jovem abraça amorosamente um rapaz, debaixo de uma oliveira. É brutalmente afastada dele pelos irmãos que atiram no rosto do rapaz, que cai morto. Uma anciã surge e puxa a moça para dentro de casa para evitar que o irmão a mate também e fala: “Você manchou a honra de nossa família! Por que, meu Deus, você nos jogou na escuridão?”

A moça diz que está grávida. A avó se desespera e depois se debruça sobre as costas curvadas da neta.

Ela é cristã. Ele era muçulmano.

Somos introduzidos num mundo sangrento em que a honra passa pela religião. Por causa disso, já existem mortos no futuro.

É um mundo habitado por crenças religiosas diferentes, em que as pessoas se comportam como em tribos primitivas. Cada ato a ser vingado soma-se a outro e mais outro. Uma sucessão de represálias sangrentas.

Nesse lugar, compaixão, perdão e convivência com dessemelhanças não existem. Faz-me lembrar um conto de Irving Shaw: um homem chega a uma cidade em ruínas e vê escrito no muro “Deus esteve aqui, mas saiu cedo”.

Um bebê é arrancado de sua mãe e ela grita aos prantos: “Um dia vou encontrar você, meu filho!”

A avó faz três furos no calcanhar do bebê e, dirigindo-se a ele diz: “Olhe bem para o rosto da sua mãe para depois reconhecê-la”.

A mãe diz: “Eu vou te encontrar, meu amor, eu prometo”.

“Quero que vá embora para a cidade”, diz a avó. “Vá morar com seu tio. Vá estudar”. E a moça promete.

É a promessa de encontrar este filho que Nawal quer que seus filhos gêmeos cumpram por ela.

Não sabemos nada sobre a infância nem sobre os pais de Nawal. É possível que a infância, como uma faca atravessada na garganta, fale sobre sua própria infância.

“Incêndios” não nos diz qual é o país onde tudo acontece. Poderia ser o Líbano; entretanto, também aparece escrito Palestina em um vidro, mas poderia ser qualquer lugar, onde o ódio norteia vinganças e separa famílias.

Nawal nunca desistiu de procurar seu filho, em orfanatos e campos de refugiados em um país abalado por guerras religiosas opondo cristãos e muçulmanos.

Corte, e Jeanne consulta uma moça na universidade onde sua mãe estudou. Pergunta se a conhecia, mostrando uma foto da mãe, e a moça responde “Eu nem tinha nascido.”

Após não obter resposta, ela se dirige a um homem que fica sabendo ser zelador de uma escola e que lhe diz que aquela foto foi tirada numa prisão.

Outra vez a cena passa para Nawal. Uma mesa e uma família cristã comendo. A família diz que vai se retirar para a montanha e alguém retruca que, com a partida, o jornal que fazem será silenciado.

Nawal, com a notícia de que os campos de refugiados serão atingidos, sai em busca do filho. Pega um ônibus e se dirige para o sul. Percebemos que ela tem uma corrente com um crucifixo, o mesmo que deixou para os gêmeos junto com o passaporte. Passam alguns caminhões e a vemos cochilando.

Depois, chega a uma habitação onde vê muitas meninas se movimentando. Pergunta se esse campo é só para meninas e estas respondem que os meninos foram levados para outra cidade que havia sido atacada na véspera.

Nawal continua sua andança. Chega a um lugar em ruínas e com restos de fogo e fumaça; pergunta pelas crianças e alguém diz que elas podem estar em

outro lugar. Ela senta enquanto o fogo continua atrás dela, com a aparência desolada por não saber onde procurar seu filho. Continua andando e um carro se aproxima; ela retira o crucifixo e põe um lenço na cabeça para parecer uma mulçumana. Um ônibus para e ela pergunta se vai a Darresse; o motorista não responde, mas ela entra no ônibus. Em dado momento, o ônibus para, homens falam alto do lado de fora, como se tentando um acordo. De repente, alguém atira no motorista e em todos dentro do ônibus.

Algumas pessoas jazem mortas e os sobreviventes ficam atônitos dentro do ônibus. Um homem sobe no teto do ônibus e joga combustível. A mãe de uma criança fica aflita, Nawal sai do ônibus e se identifica como cristã e diz que tem que pegar a filha. A mãe da criança deixa a filha tentar ser salva – o que não acontece.

Todas as pessoas dentro do ônibus são metralhadas e o ônibus incendiado. Sobe uma enorme labareda e depois resta uma carcaça.

Muda a cena e é Jeanne quem aparece num povoado ermo. Liga para o irmão e diz que está no povoado da mãe; mostra a foto para um homem que a encaminha para uma casa. Entra numa sala cheia de mulheres. Elas tentam se comunicar com Jeanne na língua delas, mas Jeanne, estranhamente, sorri e não entende nada.

Ela mostra a fotografia para as mulheres. Há uma moça que fala francês e a foto vai passando de mão em mão. Uma diz “não a conhecemos”; outra, “claro que a conhecemos”. Dizem que ela não é bem-vinda ali.

Está procurando o pai e nem sabe quem é a mãe.

Muda a cena. Nawal chega de volta a Darresse e a casa dos tios está destruída. Ela diz: “Eu acreditava na paz, a vida me provou o contrário”. Um guerrilheiro lhe pergunta o que ela quer, e ela responde: “Ensinar aos outros o que a vida me ensinou”.

Diz Freud se referindo ao mandamento “Não matarás”:

Uma proibição tão poderosa só pode ser dirigida contra um impulso igualmente poderoso. O que nenhuma alma humana deseja não precisa de proibição; é excluído automaticamente. A própria ênfase dada ao mandamento ‘Não matarás’ nos assegura que brotamos de uma série interminável de gerações de assassinos, que tinham a sede de matar em seu sangue, como, talvez, nós próprios tenhamos hoje.

A memória do assassinato primordial deveria atender a dois pressupostos: o medo de morrer e o medo de matar. O fundamental neste assassinato primordial seria que esta herança estivesse a serviço de uma comunidade universal de sujeitos.

Em 1933, Freud responde a Einstein: “Mas uma coisa podemos dizer: tudo o que estimula o crescimento da civilização trabalha simultaneamente contra a

guerra”. E mais adiante: “Vale lembrar a imagem do moinho que mói tão devagar que as pessoas podem morrer de fome antes de ele poder fornecer sua farinha”.

Ressaltando que somos construídos dentro de um universo simbólico, evocamos a citação de Françoise Dolto: “Sem palavras exatas e verídicas sobre tudo que acontece, e de que o sujeito é parte integrante ou testemunha ela percebe a si mesma como um objeto-coisa, vegetal, animal, submetida a situações insólitas, e não como um sujeito humano”.

Nawal aparece numa casa ensinando uma criança e lá fora homens bem-arrumados estão conversando em volta de uma mesa no jardim. Atira em direção a eles. Em seguida, é presa e aparece numa cela, com o cabelo cortado e suja de sangue.

Enquanto isso, vemos a filha chegando à prisão onde sua mãe ficou. Mostra a fotografia para um homem e diz que foi tirada ali. Ele não sabe, mas a encaminha para alguém que diz que ela é “a mulher que canta”, de número 72.

Aparece, em flashback, Nawal na prisão, ouvindo gritos de uma mulher sendo torturada na sala ao lado; ela tapa os ouvidos e começa a cantar, inicialmente baixinho e vai aumentando o volume para abafar os gritos da torturada.

Em outra cena, ela está dentro da cela, entra um homem jovem e depois a vemos jogada no chão, algemada, tentando levantar as calças. Ela foi estuprada e o homem diz: “Cante agora”.

Nawal fica grávida e esmurra a barriga para tentar abortar. Tem gêmeos e os bebês estão num balde para serem jogados no rio. A enfermeira pede ao homem para resgatar os bebês da “mulher que canta”, já que ele cumpriu a ordem de jogá-los no rio. E fica com os bebês.

Os gêmeos encontram a enfermeira que ajudou no parto da mãe. A mulher diz que entregou os bebês à “mulher que canta”, quando ela saiu da prisão.

Os irmãos aparecem nadando numa piscina meio atônitos e depois se abraçam sensualmente.

Flashback: aparece um atirador que dispara contra quem passava e atinge uma criança que seguia pela rua junto com outros meninos.

É descoberto que o irmão se chama Nihad de Maio, pois foi internado no mês de maio. Simon acha que já é o suficiente e quer abrir os envelopes, revoltado. Mas é impedido.

Simon segue na pista do pai e vai a uma aldeia. Vão até a casa de um homem e ele se identifica como o filho da “mulher que canta”. No dia seguinte, é levado do hotel por homens desconhecidos.

Outro flashback: Nawal desce de um carro, entra em outro e um homem diz: “Você nos ajudou, agora nos a ajudaremos. Você vai para um país melhor e vai

levar seus filhos”. Ela retruca: “Não pode me pedir isso”. E o homem afirma que seus filhos são seus filhos, sua família é sua família.

Simon se encontra com um homem para quem sua mãe trabalhou. Simon diz que está procurando seu irmão Nihad. O homem diz que levou Nihad e ele se tornou um atirador especial, mas que queria encontrar sua mãe. Ele se tornou um lobo de guerra e queria se tornar um mártir para que sua mãe visse a foto dele em todos os jornais. Tornou-se um franco-atirador. Ele foi preso e foi trabalhar na prisão, treinado como torturador.

Simon fala: “Um mais um é igual a dois?”, e pergunta à irmã se um mais um é igual a dois.

Mais um flashback: Nawal de meia idade está numa piscina no Canadá; quando olha na borda e vê um calcanhar com três furos, sai apressada da piscina e vai olhar o rosto do dono dos pés. Quando seus olhares se encontram, a tragédia é desvelada: filho e estuprador são a mesma pessoa. Quando ele se tornou torturador, mudou de nome.

Quando o acontecimento é convertido em segredo, Abraham e Torok fazem referência a um tipo de recalque conservador: “A fumaça com sua fechadura – para retomar uma linguagem menos metafórica – será chamada recalque conservador, opondo-o assim ao recalque constitutivo, particularmente na histeria e que se chama corretamente: recalque dinâmico”.

Os autores muito bem o dizem, isto é, estabelecem bem a diferença do que acontece na vida fantasmática da histeria, carregada de desejos, procurando vias de satisfação, tentando ultrapassar o interdito e o que acontece com o “criptóforo”, que porta um desejo incapaz de renascer, ou de virar pó.

Nada pode ser abolido que não apareça na geração seguinte.

Este passado está, portanto, presente no sujeito, como um bloco de realidade, ele é visado como tal nas denegações e condenações. Se essa realidade não pode morrer completamente, ela também não pode voltar à vida. (ABRAHAM & TOROK, 1995).

Segundo os autores, quando a cripta é aberta há um processo de melancolização, que é o que vemos em Nawal ao descobrir outro segredo: seu filho é o pai de seus filhos. Nesse momento, esta mulher, que já era tão desconhecida para seus filhos, melancoliza.

Enquanto a cripta resiste, não há a melancolia. Ela se declara no momento em que as paredes da cripta são abaladas por algum objeto que servia de esteio. No caso da Narwal, a rachadura da cripta é a descoberta sobre o filho. Os autores fazem a distinção: o sujeito criptóforo guarda um segredo vergonhoso,

enquanto no melancólico seria uma ferida narcísica.

Os gêmeos descobrem que Nihad vive no Canadá. Eles o encontram na rua e Simon é o primeiro a entregar a carta ao pai.

Carta ao pai

Tremo ao lhe escrever isso, eu o reconheci, você não me reconheceu. É um milagre magnífico. Sou o seu número 72. Esta carta lhe será entregue pelos nossos filhos. Não os reconhecerá, eles são bonitos, mas sabem quem é você e, através deles, quero lhe dizer que você ainda vive. Breve você se calará; para todo mundo o silêncio vem antes da verdade. Assinado, a puta número72.

Carta ao filho

Falo com o filho, não com o torturador. A promessa que lhe fiz no seu nascimento, meu filho, aconteça o que acontecer, sempre o amarei. Procurei você por toda a minha vida e o encontrei.

Você não poderia me reconhecer, mas você tem uma tatuagem no calcanhar direito. Eu a vi, eu o reconheci e achei bonito. Abraço você com toda doçura do mundo, meu amor, console-se. Nada é mais belo do que estarmos juntos; você nasceu do amor, assim como seu irmão e sua irmã também nasceram do amor. Nada mais belo do que estarmos juntos. Sua mãe Nawal Marwan, prisioneira 72

Carta aos gêmeos

Quando os envelopes chegarem ao destinatário, uma carta será entregue e uma lápide poderá ser colocada no meu túmulo. Meu nome gravado nela, exposto ao sol. Meus amores, onde começam suas histórias? Com seu nascimento? Se for assim, ela começa com o horror. Com o nascimento do seu pai? Se for assim, ela começa como uma linda história de amor. Eu digo que a história começa com uma grande promessa. A de romper a corrente do ódio. Graças a vocês fui capaz de cumprir esta promessa. A corrente foi partida. Posso, finalmente, tomá-los em meus braços e cantar uma canção doce para consolá-los. Nada é mais belo do que estarmos juntos. Eu amo vocês. Sua mãe. Nawal Marwan 1949 a 2009 escrito na lápide. Enfim, ela cumpriu a sua promessa. Teve direito a ter seu nome exibido.

A honra permeia toda a história do filme, assim como o segredo e o Édipo.

Nihad, ao se transformar num torturador cruel, o faz em nome da honra da sua mãe, pelo que ele imagina que tenham feito a ela. Assim como sua mãe, também é tomada pelo ódio. Ambos pela mesma razão.

Nawal, quando manda duas cartas diferentes para a mesma pessoa, honra a função paterna e a função filial.

Na carta endereçada aos gêmeos, ela apresenta dois possíveis destinos para a tragédia: pelo amor ou pelo terror.

A cripta foi desfeita e os efeitos silenciosos, que atuavam nos gêmeos como hiatos na sua história, puderam se juntar e ser historicizados.

Esta cripta que se instaura, segundo Abraham e Torok, não é o Inconsciente dinâmico, nem o ego da introjeção. É um território encravado entre os dois, o que denominam como um tipo de “Inconsciente artificial”, instalado no próprio seio do ego. A existência de tal cripta tem como função obturar as paredes semipermeáveis do Inconsciente dinâmico e, por conseguinte, impedir que entre em ação o processo metafórico.

O sujeito que porta a cripta assim o faz porque é um segredo que lhe provoca muita vergonha, inconfessável.

Este desejo, secreto, ilegítimo e vergonhoso será sepultado para tentar fazer desaparecer, completamente, da circulação psíquica.

No pensamento dos autores, a cripta estará ligada ao fantasma que será transmitido por uma transmissão transgeracional; isto é, o fantasma deriva dos efeitos dos segredos familiares sobre as gerações seguintes.

Como mencionamos anteriormente, os trabalhos de Abraham e Torok, nos anos 70, põem em relevo os efeitos da incorporação na subjetividade, com os conceitos de cripta e fantasma. Estes conceitos enfocam o papel de uma intrusão psíquica em que aparece a alienação da subjetividade; a partir de tal operação, o sujeito porta em si um monumento que diz respeito a um outro, presente em si como objeto psíquico interno, sendo parasitada assim sua própria vida pulsional, ou, mais radicalmente, outro psiquismo tal qual uma planta que se torna hospedeira minando a seiva do hóspede. Somos sujeitos portadores da nossa herança psíquica e genealógica e esta herança se dá no substrato psíquico amalgamado a ponto de considerarmos completamente original este que se constitui o fundamento de nossa vida.

Consiste em uma superposição de uma geração sobre a outra provocando a ausência de um espaço sem diferenciação. É uma operação alienante do psiquismo do outro, o que impede ou prejudica os processos de deslocamento, ou seja, uma ruptura na cadeia simbólica. Neste processo estariam envolvidas pelo menos duas gerações em que o psiquismo estaria fixado num tempo de “um sempre”. Um tempo circular que se repete dolorosamente.

Há neste fenômeno, nesses processos circulares, uma ausência do acaso e do tempo que marcaria a diferença das gerações. Há um prejuízo do novo, do

inesperado. O segredo, o não metabolizável, torna-se um obstáculo para sua inscrição na sucessão das gerações. A continuidade geracional se encontra comprometida por um “resto” paralisado.

Segundo o conceito de transgeracionalidade, cada um dos genitores de uma criança mantém a internalização de sua família de origem com os seus correspondente valores, interditos, segredos estereótipos e conflitos.

Vou falar um pouco sobre o complexo de Édipo:

Inicialmente, ele se fundaria na interdição do incesto, que protege o desejo da loucura, e da lei “não matarás”, que protege a vida, pois restringe a violência original e constituinte do sujeito. De outro modo, a criança fica refém das pulsões arcaicas, pulsões não mediadas pelo outro, rio sem margens, pântano lamacento, criadouro de destruição.

Convivemos numa cultura na qual o mandamento “não matarás” é a cada dia violado assim como o “honrarás pai e mãe” – destacando que o que esse mandamento diz é da categoria da honra e não do amor. Estabelecer a diferença entre honrar e amar é ter introjetado a representação do eu e do outro e que o território do respeito não se confunde com a terra dos afetos. Mas demarca, fundamentalmente, em que território psíquico se está estabelecido: na desordem da loucura, na soberania da perversão ou nas possibilidades do desejo e da frustração. “O incesto entre pai e filha é contra a cultura. Entre mãe e filho é contra a natureza. A mãe não duvida” (DOLTO, F.).

Nesta história, salientam-se alguns aspectos importantes:

A repetição da história de Édipo, inclusive com os pés marcados tal qual o significado do nome: pés furados. De imediato, somos automaticamente lançados na história grega, com a diferença de não haver Laio, porém com a mesma intenção de evitar mais tragédias. Tal qual Édipo quando foi abandonado por Laio, seu pai, com os pés perfurados por um prego, Jocasta, a mãe de Édipo, entrega seu filho ao mensageiro ainda bebê para proteger sua terra e sua família de um mal terrível – mal esse que depois de anos iria acontecer. Édipo matou seu próprio pai e dormia no leito de sua mãe. A mesma que lhe daria filhos, que seriam também seus irmãos.

O filho que, em nome de vingar a mãe desaparecida, se vinga na prisioneira.

A mãe, que para vingar o filho, se transforma numa pessoa destrutiva.

De maneira irada e vingativa, ele vive o luto da mãe submetendo as outras mulheres à violência que supunha que sua mãe sofrera. Ele se identifica com o agressor assim como ela.

A prisioneira que se descobriu cantando como uma maneira de enfrentar seu sofrimento, suas tragédias: perda do seu amor, perda da sua família e perda do filho.

A mãe que pede para ser enterrada da maneira que considera humilhante, que não merece a honra de ter seu nome escrito na lápide, até que as cartas encontrem seus destinatários.

A estranha que é para seus filhos.

O fato de haver uma carta endereçada ao filho e outra endereçada ao pai dos seus filhos. Ela honra o lugar do filho e honra o lugar do pai. Embora encarnadas no mesmo corpo, ela faz uma distinção das funções: paterna e filial.

O segredo vergonhoso que carrega dentro de si. O túmulo onde é preservada incólume. A cripta se instala para esconder o segredo da realidade vergonhosa. Seguindo os mesmos padrões de organização melancólica, mas, como um túmulo encravado no ego do sujeito, enquanto na melancolia, o ego é absorvido pelo objeto.

No caso do sujeito criptóforo, não é uma ferida narcísica, mas um segredo vergonhoso que se encontra na origem do processo. Enquanto o sujeito que carrega a cripta é o guardião da vergonha, os descendentes carregam o segredo e os efeitos sem saber – o que Abraham e Torok denominam neurose genealógica, na medida em que os filhos já nascem numa linhagem familiar portadora de um segredo.

O fantasma é uma formação do inconsciente, que tem a particularidade de nunca ter sido consciente e que é transmitido do inconsciente dos pais para o inconsciente dos filhos.

Françoise Dolto é a precursora desta ideia da transgeracionalidade quando diz que “o ser humano é um ser de ‘filiação linguageira’, um ser de linguagem pertencente a uma linhagem”.

Françoise Dolto (1908, 1988)

Nicolas Abraham (1919, 1975)

Maria Torok (1925, 1988)

Estes dois últimos autores tiveram a vida marcada pelo trauma. A família de Abraham foi quase toda exterminada e ele teve um filho que se suicidou. Maria Torok, húngara como seu companheiro, viveu o suicídio de sua mãe e parte de sua família também pereceu num campo de concentração.

Dezembro/2014

Lindinaura Canosa

lindicanosa@terra.com.br

Rio de Janeiro-RJ-Brasil